

1995

Discurso de Posse

Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais – Amulmig.

DISCURSO PROFERIDO POR WELIS SOARES COUTO NA ACADEMIA MUNICIPALISTA DE LETRAS DE MINAS GERAIS, EM 04 DE NOVEMBRO DE 1995, POR OCASIÃO DE SUA POSSE.

Acadêmico

WELIS COUTO

4/11/1995



DISCURSO PROFERIDO POR WELIS SOARES COUTO NA ACADEMIA MUNICIPALISTA DE LETRAS DE MINAS GERAIS, EM 04 DE NOVEMBRO DE 1995, POR OCASIÃO DE SUA POSSE.

Excelentíssimo Senhor Dr. José de Andrade Silva, D.D Presidente em Exercício da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Excelentíssimos membros do Conselho Superior, Ilustres Académicos, Autoridades presentes, Senhoras e Senhores.

Preliminarmente gostaria de agradecer as palavras, elogiosas, proferidas por José Afrânio Moreira Duarte, aquele que vem acompanhando e delineando meus passos nesse difícil terreno literário. Com tão abalizador aval, torna-se mais suave a minha caminhada. José Afrânio é, sem dúvida, a versão moderna e atualizada do Mecenas.

Há muito despertou-me a vocação literária, herança, talvez, de meu avô, Prof. Joaquim Couto, que, no início deste século, quando o ato de ensinar era uma atividade eminentemente feminina, ele fez com o seu trabalho, paciência e dedicação, que as crianças aprendessem e escrevessem suas primeiras letras na escola de Sem Peixe, distrito de Dom Silvério. Herança, quiçá, de minha avó, que pouco antes de falecer, na lucidez de seus quase cem anos, ainda narrava histórias de uma vida, contadas com maestria, que em sua voz trêmula adquiriam suave estesia poética. Histórias guardadas na memória em um livro escrito para a vida.

Aprendi desde cedo a apreciar a literatura, onde Olavo Bilac, Cláudio Manoel da Costa, José Lins do Rêgo e, sobretudo o notável José de Alencar, se tornaram para mim leituras obrigatórias. A esses, mais tarde, muitos outros viriam acrescentar.

A publicação de meu primeiro livro, ainda no verdor dos anos, viria abrir-me caminho para seguir por esse reservado e seletto mundo da literatura. A imprensa monlevadense abriu-me suas páginas e o GEL - Grêmio de Estudos Literários de João Monlevade, foi o primeiro mentor da sequência que dei a esse trabalho literário. Com o tempo vieram novos livros e novas alegrias pela boa acolhida crítica, pelos comentários dos amigos e pelas generosas publicações na imprensa de todo o país.

Sucederam-se, também, premiações literárias em níveis regionais e nacionais, que vieram reforçar minha determinação pela escrita.

Ainda bastante jovem, deixei minha terra natal, Alvinópolis, cidade de que muito me orgulho, e fixei residência em João Monlevade, localidade esta que aprendi a amar pela simplicidade de seus habitantes e pelo mistério e engenhosidade de suas ruas sobre riachos canalizados. Tínhamos, ainda, em comum, quase a mesma idade: pois Monlevade foi emancipada no dia 29 de abril de 1964.

Localizada no centro do Vale do Piracicaba, no grande vale do Rio Doce, a cidade de Monlevade nasceu entre montanhas. Sua geografia delineou seu destino de cidade industrial, dedicada à mineralogia e a siderurgia

Foi nesse clima, respirando o minério de suas montanhas e o aço da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que conquistei os amigos que viriam consolidar meus laços afetivos com tão acolhedora cidade. As reuniões domingueiras, no Grêmio de Estudos Literários, com o abraço sincero de escritores mais experientes, onde, dentre eles um destaque especial para o escritor Nilton de Sousa, foram decisivos para que eu fizesse daquela cidade a minha própria Casa.

João Monlevade está presente em minha alma com a mesma suavidade do rio que corre na inclinação do solo. Tão presente como o barulho do trem-de-ferro cortando a cidade ou as chaminés da Belgo-Mineira em baforadas de fogo e fumaça pelos ares. Foi nesse clima de identificação e dualidade que há algum tempo atrás escrevi um poema retratando a minha visão da cidade. A ele, intitulei "Recordança".

Esta terra dos
outros que a
fizeram sua. Por
trás das colinas, nas

vertentes de ouro
n'alma do povo
corre a esperança,
trazendo na insígnia
os pelouros.

A velha máquina de ferro
do trem,
assobia teu nome em
canoro misterio.
Mon-le-va-de-mon-le-va-de
e desce do Andrade, a serra
de rico minério.

Abrigo de poetas, escritores,
pintores, prosadores,
de "três amigos e
Um cachorro"
de Michaelick, pescadores,
do Tribuna teu jornal,
"A Notícia" em semanário,
do GEL e seu "Burro"
Nilton de Sousa e Heleno,
dos Chicos: o franco e o boêmio
e o pé-de-valsa,
Antônio Carlos e sua história.
Distante se me perdem
teus feitos na memória.

E a velha Belgo
levemente erguendo
os empoeirados braços
garços...

Longe de ti, tu és
vésper matinal, que encobre
glórias idas e não passadas.
Tuas noites boêmias
descortinando o estelar calor das morenas.
Ah!... ao peito viajor,
ligeiramente, a recordança
invade.

Da vizinha e
Bela cida/de
Vista ao longo descortinar,
saudades!... da amada que se
foi (e que nunca tive num
zéfiro constante), do nada da
madrugada.

Monlevade de rios, Joões
e Marias, de becos,
estradas e largas fantasias
esconde a certeza de ter
em sua mesa os condores
alados do GEL, a poesia
em suas muitas noites de

poética orgia, vinho e
calmaria.

Hoje, ao ingressar nos quadros desta Academia, presto modesta porém sincera homenagem à cidade que seguiu meus passos e abalizou-me junto aos seus filhos para ir além de suas fronteiras literárias.

Não poderia olvidar a minha incontida alegria e satisfação por integrar oficialmente esta Casa; fato que há muito vinha perseguindo, amparado pela sombra amiga do José Afrânio. Quando aqui estive, em visita, pude sentir de perto o clima amênio reinante entre os escritores.

Indubitavelmente, uma tarde de sábado onde vi reunidos o talento e o prazer, a suavidade da poesia em calorosa declamação, bem como a prosa leve da conversa de amigos.

Ao realizar essa travessia para a Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais - AMULMIG, é-me das alegrias a mais elevada e das conquistas a de que mais me orgulho.

Como representante do município de João Monlevade, o que muito me honra, eu não poderia escolher melhor patrono do que aquele que lhe deu o nome, João Monlevade.

Descendente de família de nobres franceses, filho de Jean Antoine Dissandes de Monlevade e Madame Marie Sallé du Siodray, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade nasceu no Castelo de Monlevade, perto de Gueret, França, no dia 14 de abril de 1789, época muito conturbada na história francesa pois então o processo revolucionário estava desencadeado naquele país, atingindo o seu clímax justamente no dia 14 de julho do mesmo ano.

Em 1809 ele ingressou na Escola Politécnica de Paris, onde se formou em engenharia de Minas, em 1812, engajando-se no corpo de engenheiros militares.

Trabalhou algum tempo no Corpo Real de Minas, sentindo-se sempre atraído pela mineralogia e geologia, dois fortes motivos que o levaram a sentir-se como que chamado pelo Brasil, com o objetivo de efetuar aqui estudos especializados. Segundo reza a tradição em sua família, ele veio com uma bolsa de estudos, mas na realidade não era uma bolsa e sim uma permissão do Corpo Real de Minas para que ele viajasse, por tempo indeterminado, a fim de fazer estudos específicos.

Contudo, no livro "O Ouro das Gerais e a Civilização da Capitania", João Dornas Filho diz: "teria vindo por motivo de saúde e a conselho médico, que lhe recomendara clima de mais generoso regime, aceitando assim uma comissão de seu governo destinada a estudar recursos minerais, no Brasil, e especialmente na província de Minas Gerais".

Em 14 de maio de 1817 deixou a corte do Rio de Janeiro, vindo para a então Província de Minas Gerais, trazendo dois escravos, com a devida permissão das autoridades competentes.

Andou percorrendo várias comarcas ou distritos, tais como São João D'el Rei, Vila Rica e Sabará. Retornou ao Rio de Janeiro, mas voltou no ano seguinte, 1818, para fazer novas excursões em Minas Gerais que o fascinava.

Consta que fez amizade com o Barão Von Escrewege, mineralogista alemão chamado por D. VI para fundar uma usina metalúrgica no Brasil. Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade e o Barão Von Escrewege viajaram juntos pelas províncias de São Paulo e de Minas Gerais. Jean

Antoine ajudou o Barão Von Escrewege a fundar uma forja nos arredores de Congonhas do Campo e logo depois se separou pacificamente de seu sócio para fundar uma indústria sua mesmo, perto de caeté.

Em "Memória do Terreno Mineiro da Comarca de Sabará", José de Sá Bittencourt Câmara, expressa-se nos seguintes termos:

"Muito depois apareceu o Monsieur de Monlevade, homem bravo e digno de toda estimação, grande mineralógico, grande químico, além de muitos outros conhecimentos de Física, Matemática e Literatura, que, conhecendo a riqueza deste país, associou-se com o Capitão Luiz Soares de Gouveia, Senhor da Fazenda da Barra do Rio Preto, e levantaram uma fábrica para ferro coado, não tamanha como a de Gaspar Soares, porém superior a todas as mais do país..."

Posteriormente Monlevade associou-se a Luiz Soares de Gouveia, filho único e como tal herdeiro de tudo que havia sido do seu pai, inclusive o título de Capitão. Essa sociedade resultou na fundação de um alto forno em Caeté.

Em carta de 16 de maio de 1823, o Senador do Império e médico Dr. António Gonçalves Gomide indicou a José Bonifácio o Monsieur de Monlevade para trabalhar como orientador na galeria de Abaete. Sugestão aceita.

Como é sabido, havia no século XVIII o costume bem arraigado de brasileiros estudarem ou aperfeiçoarem seus estudos na Europa, principalmente em Portugal e França. Entre eles estava o Dr. Ildefonso Gomes de Freitas, mineiro de São Miguel do Rio Piracicaba, formado em medicina no Rio de Janeiro e que fazia aperfeiçoamento dos estudos médicos em Paris, onde ele e Monlevade tornaram-se amigos.

A família do Dr. Ildefonso Gomes de Freitas era muito intelectualizada para a época e seu pai, Capitão João Gomes de Freitas, mais conhecido como Capitão Gomes, era um fazendeiro que falava o francês, o italiano e o latim. O alferes José Joaquim Gomes de Freitas residia na fazenda do Rochedo, onde, já se fabricava o ferro, não só lá mas também em outras fazendas da região.

O Capitão João Gomes de Freitas fez de sua fazenda do Itajuro, em terras de Rio Piracicaba, um ponto de convergência de intelectuais da região, tendo recebido eruditos de alto nível, como o Cônsul russo Angsdorff e outros, até que chegou Monlevade, cuja chegada foi minuciosamente descrita por Saint-Hilaire, que o viu com muito bons olhos, em seu livro "Viagens Pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais".

Como sábio e arguto observador que era, Monlevade constatou logo a riqueza da região e comprou a cerca de duas léguas do então arraial de São Miguel, hoje cidade de Rio Piracicaba, algumas sesmarias de terra, onde construiu a sede da fazenda, que ficou conhecida como Casa Grande, e instalou sua primeira fábrica para produção de ferro, bem mais aperfeiçoada do que a de seus vizinhos. A fazenda hoje pertence à Companhia Siderúrgica Belgo Mineira e está em ótimo estado de conservação.

Monlevade conviveu com alguns expoentes de sua época, entre eles o famoso Barão de Catas Altas, vindo a casar-se com uma sobrinha dele, Dona Clara Sophia de Souza Coutinho. O enlace matrimonial ocorreu no dia quatro de janeiro de 1827, na capela de São Caetano de Macaúbas, em Caeté.

Monlevade queria sua fábrica de ferro e mandou comprar máquinas

na Inglaterra, usando para isso dinheiro do dote de Dona Clara Sophia. Quem o auxiliou a trazer as máquinas das costas do Espírito Santo por via fluvial, usando doze canoas, foi outro francês também profundamente arraigado no Brasil, herói de várias cidades, Guido Thomas Marlière, de quem Monlevade se tornara amigo. Quem dirigia a expedição era Lourenço Lenoir, mas sem a dinâmica atuação de Marlière ela teria fracassado, já que ele orientou tudo, desde a saída das máquinas do porto do Rio de Janeiro até a chegada ao Espírito Santo e depois a longa viagem pelo Rio Doce e Rio Piracicaba até ao porto da Saúde, perto de António Dias, de onde seguiu para o destino em carros de boi.

No que se refere à produção de ferro no Brasil, indubitavelmente Monlevade foi o mais esclarecido e importante de todos os pioneiros.

Senhor de escravos, não os maltratava, aplicando-lhes, quando necessário, apenas castigos leves.

Industrial dinâmico e intelectual brilhante, Monlevade deixou muitos descendentes, no Brasil e na França, já que uma de suas filhas se casou com um primo francês que voltou para seu país. Os filhos de Monlevade receberam dele educação esmerada, mas não frequentaram cursos oficiais. A Monlevade foi dado o título de Capitão.

Depois de vida longa e profícua, Monlevade faleceu em sua fazenda no dia 14 de dezembro de 1872.

Saint-Hilaire tinha razão quando disse: "o Senhor Monlevade fixou residência em Minas Gerais, aí estabeleceu fundações e poderá prestar grandes serviços à bela terra que se tornou para ele uma segunda pátria".

Tornou-se mesmo e tanto que ele abrigou seu nome para João António de Monlevade, depois apenas João Monlevade, hoje o nome de

um dos municípios de que Minas Gerais mais se orgulha, muito justamente, pois, além de sediar a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, a segunda maior siderúrgica do país, somente superada pela de Volta Redonda, João Monlevade transformou-se em grande centro industrial, comercial e cultural, sendo agora uma das cidades pólos da zona metalúrgica, um grande marco no Vale do Aço.

Ilustres Académicos, sinto-me feliz e engrandecido por, a partir de hoje, passar a integrar os quadros da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

Meu muito obrigado a todos.

Belo Horizonte, novembro de 1995